Da Exposição dos artistas de Coimbra em Lisboa

A Arte contemporânea conta com
artistas de valor e de verdadeira perso-
nalidade. E' para lamentar que homens
de certo mérito, não compreendam o
significado histórico da Arte moderna e desrespeitem o valor indiscutível de cer-tos artistas. Eles são os fundadores da nova Arte e precursores de novas dou-trinas.
Há maus artistas? Não nos interes-sam porque os há bons, sinceros e com fé que nos legaram uma Arte viva, espiritualizada, duma beleza heráldica, atingindo aquele grau de sublimidade que os primitivos idolatravam
Depois dos Impressionistas terem fe-chado o círculo de evoluções ascenden-tes com as análises das vibrações lumi-nosas no emprego das cores puras do prisma e efeitos atmoféricos envolven-

A E X P O

Fraquíssima; apenas dois ou três no-mes mereceram a nossa atenção.
Na primeira sala admiramos os tra-balhos do sr. Fausto Gonçalves e real-çamos sobretudo a paisagem que trata com mão de mestre; na figura è, porém, inferior, a não ser nos casos em que ela é submetida à paisagem com seu ele-
mento.

Este artista pertence à classe dos chamados académicos. No entanto o seu trabalho é sincero, mas as esperan-ças artísticas não se podem esperar desta confraria.
Visitamos em seguida a sala dos con-temporâneos e concluímos que uma parte dos expositores pertence àquela outra confraria, a dos que transigindo

R Ó M

tes desmaterializando tudo em luz, che-gando aos limites da paleta, depois da reacção de Cézanne, a Arte entra nova-mente na fase primitiva: único cami-nho para seguir o seu círculo inicial. Entre nós temos valores que, corajo-samente, iniciaram e acompanharam esse aparecimento de novas ideias. Basta citá-los: Dordio, Almada, etc. Estes são os mestres da nova geração: criadores e construtores, souberam elevar bem alto o esforço e a estructura das suas obras. E' bom seguir-lhes o exemplo, pois que souberam criar anciosamente a sua obra, com nervos, com a torturosa dú-vida a queimar-lhes as ambições do sonho. E' assim que se cria e não encostado à sombra da bananeira tradi-cional de academismos com receitas vul-gares. . .

S I Ç Ã O

com tudo, se precipitam no abismo da superficialidade. A muitos nós deseja-ríamos aconselhar umas lições de dese-nho, não para fazerem coisas bonitas, mas para saberem que a pintura é um ofício de que é preciso saber alguma coisa, e não é apenas um devaneio inte-lectual ou psicopático. . .
Nós admiramos um Almada, um Dor-dio, mas estes pertencem à época inicial, foram criadores e constructores. EJ

bom
seguir os seus exemplos mas sem plagiar. Gostamos imenso dos trabalhos de Diogo Reriz Têm um certo gosto de gravura antiga e o orientalismo extra-nho dos seus trabalhos, faz-nos lembrar os simbolistas do século xv.
E é tudo. ..

U L O